

MULHERES CIENTISTAS: EXCEÇÃO ATÉ QUANDO?

APESAR DE SUA EMANCIPAÇÃO E CONQUISTAS NOS ÚLTIMOS CEM ANOS, AS MULHERES AINDA SOFREM COM ESTEREÓTIPOS E PRECONCEITOS NO MEIO ACADÊMICO. MULHERES CIENTISTAS AINDA SÃO MINORIA, MESMO EM PAÍSES DESENVOLVIDOS

 MARIA ESTER DE FREITAS, professora da FGV-EAESP, ester.freitas@fgv.br

O século 20 foi marcado por muitos acontecimentos dignos dos grandes compêndios históricos. Aqui nos reportaremos brevemente a um deles, que ainda está em andamento, envolve diretamente metade da população do planeta e tem influenciado substancialmente a vida da outra metade: a revolução silenciosa das mulheres, que tem permitido o reconhecimento, de direito, de um enorme segmento que sempre contribuiu de fato para a constituição da sociedade.


VOZ ATIVA

O balanço atualizado dessa revolução é multifacetado. Em primeiro lugar, tivemos um grande salto no grau de escolaridade feminina. Por sinal, além de terem conseguido acesso à escolarização formal, as mulheres apresentam índices maiores que os homens no que se refere à conclusão dos cursos: não apenas começam cursos, como costumam terminá-los, habilitando-se para outros, mais elevados. Um segundo aspecto é o aumento, em volume e

diversificação, da sua participação no mundo do trabalho. Se há cem anos eram algumas poucas operárias, hoje elas ocupam todos os cargos, inclusive nas mais altas posições da vida econômica e política de países ocidentais, começando a reivindicar essas oportunidades também em outras sociedades, mais conservadoras e menos democráticas.

Além disso, mulheres passaram a exercer o poder de sujeito de suas próprias vidas, em questões relacionadas a casamento, filhos, carreira, controle de tempo, viagens, planejamento financeiro etc. Se antes elas eram quando muito consultadas, hoje têm uma participação ativa nas decisões importantes. Adquiriram consciência de seu papel como cidadãs e membros de uma sociedade da qual participam, na qual têm direitos e da qual merecem reconhecimento explícito e respeito por parte de políticas públicas.

Em síntese, essa revolução teve como mote a igualdade de oportunidades. Convém ressaltar que se trata de um conceito político e não biológico, afinal a natureza criou dois seres humanos diferentes, inteiros, absolutos e conscientes de si, mas foi a construção histórica e cultural que se encarregou de considerar o homem como o padrão e a mulher como “o outro”.



Mesmo em países desenvolvidos, as mulheres são uma parcela muito pequena da comunidade científica

IGUALDADE DE OPORTUNIDADES

Investidas dos novos poderes duramente conquistados, as mulheres podem ser hoje, em tese, o que quiserem: donas de casa, executivas, maestrinas, médicas, engenheiras, advogadas, secretárias, juízas, astronautas, enfermeiras, prostitutas, policiais etc. Embora muitos trabalhos sejam corriqueiros, mal pagos e pouco qualificados, trata-se de uma condição que afeta também a muitos homens. Agora as mulheres também estão trabalhando nos confins da terra, como membros de equipes de cientistas que desbravam a Antártida,

e nos confins do espaço, ajudando a construir a estação científica internacional. Esses são dois símbolos atuais do trabalho desafiante e qualificado, redutos – até bem pouco tempo – considerados exclusivamente masculinos.

Mas tudo se passa às mil maravilhas? Com certeza não. Problemas fazem parte da realidade, e lutar para resolvê-los é uma constante na vida. Um exemplo disso, entre tantos outros possíveis, pôde ser visto nos jornais brasileiros no primeiro semestre deste ano, a respeito do gabinete escolhido pela presidente Dilma, qualificado de “ministério das luluzi-



ESPECIAL DIVERSIDADE E GESTÃO

MULHERES CIENTISTAS: EXCEÇÃO ATÉ QUANDO?

nhas”. Alguém disse alguma coisa quando o ministério era constituído apenas por homens? Mas o importante é que as mulheres não têm desistido porque têm de enfrentar preconceitos ou tons jocosos.

A CIENTISTA

Detentoras de maiores qualificações profissionais e investidas do poder de determinar sua vida, as mulheres têm optado por caminhos múltiplos, que vão desde os mais tradicionais aos mais ousados. O marcante nesta discussão é o fato de se tratar de escolhas feitas por elas e não por seus maridos, pais ou “responsáveis”. Exploraremos aqui alguns aspectos da carreira intelectual exercida pelas mulheres.

Em princípio, a atividade intelectual é própria do ser humano, e somos todos dotados de diferentes tipos de inteligência que nos permitem fazer elaborações mentais, compreender situações, gerar alternativas e agir em consequência.

Podemos falar, dentre outras, da inteligência prática, que se encarrega dos processos de adaptação às situações e condições contextuais; da inte-

ligência artesanal, que nos permite inventar e criar coisas a partir de outras coisas; e da inteligência lógica e racional, que nos capacita a construir abstrações como conceitos, teorias e símbolos. Hoje em dia é ponto pacífico que não existe diferença entre o nível de inteligência geral de homens e mulheres, ainda que existam, sim, diferenças entre as habilidades desenvolvidas por uns e pelas outras. Habilidades, sabemos, são construídas a partir de estímulos, curiosidades, interesses e treino.

O trabalho intelectual, e em especial o trabalho científico, é movido a inteligência, conhecimento, criatividade, persistência, imaginação, disciplina e interlocução. Nenhum desses atributos é monopólio dos homens. A breve história social da mulher no campo científico mostra que ela teve que enfrentar poderosos inimigos, tais como a igreja, a medicina, muitos filósofos, a aristocracia, as universidades e as academias científicas. Ao longo do tempo, mulheres foram impedidas de estudar, de frequentar universidades e cursos. Outras foram, simplesmente, apagadas da história da ciência.

Pesquisas norte-americanas e

européias atuais, em universidades de grande prestígio, como o MIT e Harvard, revelam a existência de mecanismos institucionais discriminatórios e sexistas que impõem às cientistas a estagnação na carreira, cobrando-as por desempenhos muito superiores aos de seus pares homens para os mesmos benefícios e cargos; ademais, revelam que o acesso à carreira, sobretudo nas ciências exatas, é extremamente restritivo e pouco incentivado, o que explica o quadro mundial de pouca participação das mulheres nesse campo, mesmo nos países desenvolvidos, onde elas representam entre 4% e 8% dos acadêmicos.

O Brasil reproduz mais ou menos a mesma situação, conforme os poucos estudos feitos sobre o assunto. Aqui também é perceptível o fato de que, apesar da presença significativa de mulheres nos cursos de graduação e pós-graduação, elas dificilmente chegam às posições acadêmicas mais elevadas ou de maior prestígio na carreira ou nos órgãos de fomento à pesquisa e comitês científicos. Quantas cientistas no Brasil assumiram a posição mais elevada na Capes ou no CNPq? Quantas assumiram a presidência da

Academia Brasileira de Ciências? Quantas assumiram diretorias das fundações estaduais de pesquisa? Qual a participação delas nos comitês de pesquisa dessas diferentes entidades?

DESCULPAS E PRECONCEITO

As justificativas para esse quadro encontram mais ou menos o mesmo caminho de sempre: cabe à mulher a responsabilidade pelo dia a dia da família; o relógio biológico da maternidade é sincronizado com o relógio do investimento na carreira; a mulher é cobrada para se ajustar às demandas da profissão do parceiro, relegando as próprias a segundo plano; existe reduzido número de mulheres em cargos decisórios, o que cria um círculo vicioso, dificultando a implantação de políticas de estímulo e o reconhecimento do problema pela própria comunidade científica que ocupa cargos dirigentes etc.

Em 2006, o reitor da Universidade Harvard, Larry Summers, teve que se demitir do cargo em virtude de uma declaração sua, de 2005, de que as diferenças inatas entre homens e mulheres eram um dos fatores que justificavam o fato de poucas mulheres terem êxito em carreiras na ciência e na matemática. O fato levantou poeira e

provocou um enorme vespeiro. A própria Harvard, após o episódio, elaborou um projeto para incentivar maior diversidade no seu quadro docente, e nomeou uma reitora.

CIENTISTAS BRASILEIRAS

O Brasil tem evoluído bastante nos últimos anos, tanto em relação à participação feminina no corpo docente das universidades em todas as áreas, como em seu quadro docente, em um contexto em que o volume e impacto da produção científica dos países passa a ser visto como o grande diferencial entre os que estão dentro e fora do clube dos que importam.

Para que as novas gerações possam ter o seu potencial mais bem aproveitado – e a comunidade científica brasileira possa fazer parte desse clube –, é imprescindível atravessar a barreira dos preconceitos e incentivar nossas crianças, de qualquer sexo, a desenvolver todas as suas capacidades, habilidades e inteligências. Com isso, não apenas reagiremos a um possível apagão na ciência brasileira, mas construiremos uma mentalidade que respeitará uma menina quando for questionada: “*O que você quer ser quando crescer?*”, e ela responder: “*Uma cientista*”. Não é querer demais, já estivemos muito mais longe. ■

O Brasil tem avançado nos últimos anos, mas ainda há muitos preconceitos a serem quebrados